

” Chorão Ramalho: a obra e a pessoa

Texto | Nuno Teotónio Pereira_ Arquitecto

Fotografia | Filipa Carvalho

Escrever sobre Raul Chorão Ramalho e a sua obra é recuar meio século no tempo, quando eu trabalhava como tirocinante no atelier do inesquecível Carlos Ramos, juntamente com seu filho Carlos Manuel Martins e outros que não recordo. Lembro-me que a certa altura caí no atelier um trabalho de invulgar responsabilidade a que era preciso dar resposta e a mão d’obra disponível era formada por principiantes como nós. Ouvi então dizer a Carlos Ramos que tinha obtido a colaboração de um jovem muito talentoso e já com provas dadas no atelier de Paulo Cunha: era o Chorão Ramalho.

Fomos depois companheiros nos primeiros anos da minha vida profissional, já que partilhávamos do mesmo atelier, juntamente com Manuel Tainha, Alzina de Meneses, Bartolomeu Costa Cabral e mais tarde Nuno Portas. Ramalho foi assim para a minha geração como que um irmão mais velho, cujo conselho era sempre de grande proveito. Dotado de grande sensibilidade, cedo aprendeu a lidar bem com os diversos materiais e a agir sobre o estirador com uma imaginação contida, conduzida por uma grande disciplina interior. Era assim que criava com total liberdade numa linguagem própria, de grande consistência, despida de artificialismos e modismos.

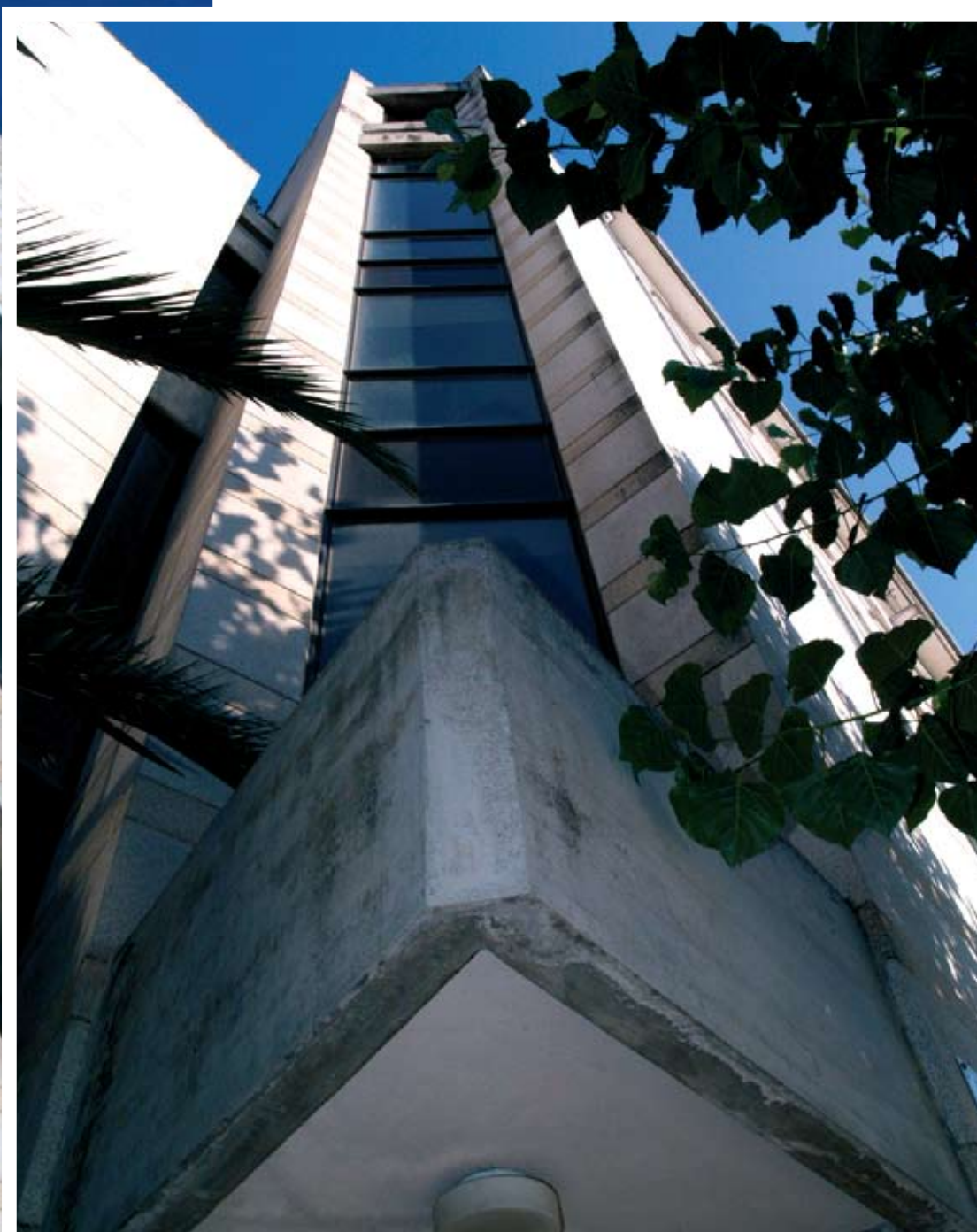
Iniciando a actividade profissional por volta do Congresso de 48, quando a imposição dos modelos nacionalistas começava a deixar de ser regra geral, mas ainda se mantinha com rigidez em muitas encomendas de Obras Públicas, Chorão Ramalho teve a sorte de ter como clientes organismos oficiais dispostos de uma certa autonomia e onde os aspectos técnicos prevaleciam em prejuízo dos ideológicos. Teve assim a oportunidade de, face à fortaleza das suas convicções e à integridade do seu carácter, conquistar a liberdade de expressão que frequentemente era negada a muitos arquitectos.

Efectivamente, os modelos impostos pelo salazarismo começavam a ser nessa época ignorados por entidades como a Câmara de Lisboa, o governo de Macau, as Caixas de Previdência, as Obras de Hidráulica Agrícola ou a Caixa Geral de Depósitos. Chorão Ramalho pode assim gabar-se de nunca ter visto um projecto recusado por razões estilistas. Ao longo de uma produção intensa espalhada pelo Continente, pela Madeira e por Macau, Ramalho personifica uma posição ética na arquitectura. Ética que se revela num certo número de atitudes e comportamentos: a resposta atenta às exigências dos programas, com uma grande atenção aos aspectos de ordem funcional; o conhecimento

das técnicas e dos materiais, buscando com rigor os mais adequados para cada obra; a lealdade e frontalidade para com os clientes e a Administração; o rigor do desenho, desde a concepção espacial até aos pormenores cuidadosamente estudados. Mas englobando tudo isto, que configura com um sólido profissionalismo, uma profunda consciência cívica. Daí a grande unidade que transparece na sua obra, para além de programas e contextos muito diferenciados, e ao longo de cinco décadas. Efectivamente, através de uma diversidade de linguagens que foi adoptando para cada caso, as obras de Chorão Ramalho têm qualquer coisa de comum que resulta de uma permanente fidelidade aos valores que nunca deixou de cultivar.

Entre esses valores está sem dúvida uma extrema atenção ao meio envolvente. Não que haja qualquer preocupação mimética nas suas obras: em alguns casos, como no complexo da Previdência no Funchal ou no Hospital de Viana do Castelo, os volumes sobressaem com um contido dinamismo dos tecidos circundantes. Mas com uma coragem lúcida e sensível, sem arrogância ou sobranceira: não esmagam, antes constituem elementos dominantes que ajudam a estruturar a paisagem urbana.





A perfeita noção daquilo a que os arquitectos chamam escala é aqui determinante qualquer que seja a dimensão dos edifícios, grande ou pequena, a escala estabelece uma relação de harmonia com o contexto, sempre presente nas obras de Ramalho.

E tem alguma relação com isto o cuidado posto na criação de espaços de ligação à volta dos seus edifícios. Estes nunca são objectos isolados, caídos de pára-quedas, pois o arquitecto empenha-se no desenho de elementos de suporte ou envolvimento que estabelecem uma relação com o que se passa à volta. São exemplos desta atitude as generosas plataformas pedonais que acompanham os edifícios do Centro Comercial do Restelo, toda a organização do espaço no Cemitério do Funchal, articulando as diferentes construções, e sobretudo a embaixada de Brasília, que levou Chorão Ramalho a projectar a Praça de Portugal, já fora dos limites do lote, mas parte integrante de um mesmo conjunto carregado de coerência. Neste caso foi uma grande perda para a arquitectura portuguesa que não tivesse sido construído na totalidade este monumento.

Outra das características do arquitecto é a imaginosa e sábia relação entre interior e exterior, patente em muitas das obras projectadas, a começar exactamente por esta de Brasília. Espaços alpendrados, pátios, espelhos de água, caminhos pedonais e coberturas tratadas como espaços verdes, são uma constante na sua obra. Para além de Brasília, o Centro regional de Segurança Social de Setúbal, o Hospital de Viana, a Escola Pedro Nolasco em Macau e a Assembleia regional da Madeira são exemplos eloquentes desta interpenetração interior / exterior, de que a nossa arquitectura contemporânea não é particularmente rica.

As obras já citadas e muitas outras, como os edifícios da Caixa Geral de Depósitos, atestam mais uma característica do trabalho de Chorão Ramalho: a dignidade conferida aos equipamentos públicos e aos edifícios da Administração. Esta dignidade, obtida com a recusa total de expressões de grandiloquência ou gigantismo, resulta da profunda consciência cívica a que já aludi. Pode dizer-se que Ramalho transmite nestes edifícios o conceito de que a dignidade das instituições não se exprime à custa do esmagamento dos cidadãos, mas representa antes, na organização do espaço edificado, uma clara ideia de urbanidade.

Nos edifícios de habitação, de que são exemplo o conjunto da Praça Pasteur e Avenida de Paris, em co-autoria, os blocos de Olivais - Sul ou os prédios do Funchal e de Macau, é patente a sua atenção à problemática da arquitectura doméstica e ao cuidado de fazer cidade, em que se demonstra uma sábia contenção formal a favor do equilíbrio e da harmonia do conjunto urbano.

A obra de Raúl Chorão Ramalho, aí está, polifacetada mas coerente, para mostrar como um arquitecto consciente e competente, sereno mas determinado, trazendo para os seus trabalhos a colaboração frequente de artistas plásticos e amando a sua profissão, deu um contributo inconfundível e de grande qualidade à arquitectura portuguesa desta segunda metade do século." [x]